

INSCRIÇÃO ROMANA CONSAGRADA AO DEUS SOL

Por

D. FERNANDO DE ALMEIDA

Quando se dá a rara notícia do aparecimento de mais uma lápide dedicada ao deus Sol, vem sempre a propósito recordar o deus Mitra. Esta divindade originária do longínquo Irão, onde começou por ser o deus da Luz, só mais tarde entrou em estreita relação com o deus Sol, a ponto de quase se fundirem. O Império Romano adoptou-os e difundiu-os pelos seus vastos territórios: praticamente, durante os três primeiros séculos do império.

A importância do culto prestado ao Sol veio-lhe por ter sido considerado o senhor da natureza, do calor, da luz, da fecundidade, da vida e, por isso, a sua entrada na Urbe foi bem aceita pelo povo. Começou o culto das divindades orientais por se instalar em Roma ainda no período republicano; segundo consta, o prestígio das divindades tutelares romanas teria então decaído muito depois de vários desastres ali sofridos (séc. III a.C.). E, assim, apelou o povo para outros deuses com muita fama: entre eles apareceu Mitra na Itália. A aceitação não foi geral, pois o Senado opôs-se-lhe tenazmente. Com as guerras civis do séc. I a.C. voltaram as divindades orientais a Roma; e com tal aceitação popular que Augusto lhes moveu uma verdadeira guerra. Apesar disso, o mitraísmo manteve-se e Calígula acabou por lhe ser favorável por conveniência política.

Atingiu o culto do Sol o maior esplendor no tempo dos imperadores sírios, quando Heliogáballo (218-222) tentou colocá-lo no lugar de Júpiter! A Caldeia, influída pelo Irão e o Egipto, tiveram um papel primordial no desenvolvimento do culto do Sol na Síria, onde criou raízes fundas. A expansão pelo império, até ao Ocidente, irradiou principalmente dali. Foram, em parte, os legionários que trouxeram consigo estes cultos orientais. Muitos deles, entrados em *honestas missione* vieram para a Península repousar das lides militares. E também com eles vinham comerciantes, libertos e escravos.

O culto do Sol era facilmente acessível; era um deus sensível, todos os seres vivos dele dependiam; era imortal e invencível. Preparou-se, assim, como que um monoteísmo, de que o catolicismo se iria aproveitar, encontrando nele um caminho já preparado para uma mais rápida compreensão e, com ela, mais fácil expansão.

O imperador sírio imaginou-se ser o senhor absoluto da Terra e, como tal, deveria ser tratado e venerado: mas o Sol seria para ele o senhor do Céu. Nele depositaram grandes esperanças as classes baixas acima citadas, por esperarem desse deus uma vida social mais digna. Fácil é assim compreender a luta que o cristianismo viria a ter com o mitraísmo, dados os pontos de contacto existentes entre as duas grandes religiões em plena expansão. Por exemplo, Mitra baixaria um dia do Céu à Terra onde lutaria e sofreria pela felicidade dos homens; os iniciados na sua religião não morreriam e passariam a um paraíso onde a vida seria extraordinariamente agradável; havia uma espécie de baptismo, mas com sangue de touro, e a cerimónia passava-se no templo; enfim, realizavam-se refeições em comum, onde eram distribuídos por todos os participantes água, pão e vinho, etc.

O número de documentos, quase todos epigráficos, que têm sido encontrados em Portugal, tanto dedicados a Mitra como ao Sol, é relativamente reduzido. Há cinco inscrições dedicadas ao Sol: duas de Colares e uma de cada uma das seguintes localidades: Lisboa, Vizela, Idanha-a-Velha. Acrescentamos agora a de que faremos a descrição:

Foi adquirida pelo Dr. António Bustorff Silva; conserva-a na sua casa de Borba. Segundo o vendedor, teria sido retirada dos alicerces

de uma casa em obras, perto de Lamego. A pedra é um arenito que se desfaz com relativa facilidade.

Dimensões:

Altura da lápide — 0,385 m.

Altura do letreiro — 0,235 m.

Largura da lápide, em cima — 0,250 m.

Largura da lápide, no letreiro — 0,170 m.

Espessura da pedra, a meio — 0,140 m.

Altura média das letras — 0,040 m.

A pedra tem na face esquerda (para quem a olhar de frente, Fig. 3) uma roseta de seis pontas dentro de um círculo (símbolo do Sol?). A face direita é lisa (Fig. 2). A face posterior (Fig. 4) mostra, em baixo-relevo, uma cara lavrada muito rudemente. O capitel, de que só resta parte, tem à frente três sulcos paralelos; mas no seu lado direito (Fig. 2) ainda se vê o aspecto original intacto ou quase. Quanto à base o que ainda existe é bastante para indicar que o letreiro não devia continuar depois da 3.^a linha.

A leitura da inscrição (Fig. 1) pode ser feita integralmente:

S O L I
S A C R V
M
Soli/sacru/m

Trata-se, pois, de uma ara consagrada ao deus Sol: mas por quem? Infelizmente o letreiro nada nos diz quanto ao dedicante. Teria sido um escravo? Foi certamente alguém que agradeceu qualquer favor ao deus invicto e não quis ou não pôde mandar gravar o seu nome.

O tipo de letra, tardio, do séc. III, pode ser do tempo do grande culto decretado por Heliogábalo. O deus Sol, com tantos e tão grandes atributos, teria olhado para aquele seu devoto de Lamego a quem prometia maior felicidade do que a que tivera até então.

BIBLIOGRAFIA

- J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religiões*, III, pág. 299, 364 a 367.
- FR. CUMONT, «Les Religions orientales dans le paganisme romain», ed. Geuthner, 1963, pág. 28, 66, 123 e 140.
- A. GARCÍA Y BELLIDO, «Les Religions Orientales dans l'Espagne Romaine», ed. Brill, Leiden, 1967, pág. 21-41.
- F. DE ALMEIDA, *Egitânia*, Lisboa, 1955, pág. 191.
- JORGE D. NAVAS, «As divindades lusitano-romanas em Portugal», *Tese apresentada à F. de Letras de Lisboa*, I, 1967, pág. 81.

R É S U M É

Description d'une nouvelle inscription romaine, du III Siècle A.D., dédiée au dieu Soleil. On l'a trouvée près de Lamego, région du fleuve Douro.



Fig. 1



Fig. 2 (face direita)

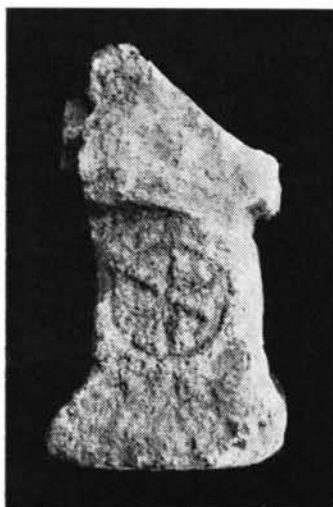


Fig. 3 (face esquerda)

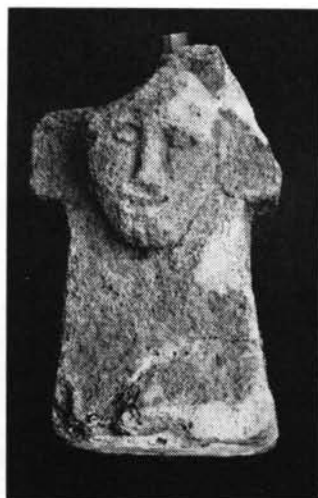


Fig. 4 (face posterior)